



# **Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 3**

**Marcos William Kaspchak Machado  
(Organizador)**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Marcos William Kaspchak Machado  
(Organizador)

# Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 3

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

### Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I34 Impactos das tecnologias nas ciências humanas e sociais aplicadas  
3 [recurso eletrônico] / Organizador Marcos William Kaspchak  
Machado. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. –  
(Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais  
Aplicadas; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-163-3

DOI 10.22533/at.ed.633191103

1. Ciências sociais aplicadas. 2. Humanidades. 3. Tecnologia.  
I.Machado, Marcos William Kaspchak. II. Série.

CDD 370.1

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

O livro “*Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 3*” aborda uma série de capítulos de publicação da Atena Editora, subdivididos em 4 volumes. O volume III apresenta, em seus 33 capítulos os estudos mais recentes sobre aplicação de ferramentas educacionais básicas e aplicadas à inclusão, além de uma série de capítulos que abordam o cenário atual do sistema educacional brasileiro.

As áreas temáticas de educação e suas ferramentas de inclusão mostram o papel de desenvolvimento social, onde incluir ferramentas de inovação no ambiente educacional é, além de um desafio, um objetivo de direcionar à sociedade ao futuro esperado por todos e sem desigualdades.

A educação é historicamente uma ciência de propagação e disseminação de progresso, percebido no curto e longo prazo em uma sociedade. Observamos que a construção da ética, proveniente da educação e inclusão, traz resultados imediatos no ambiente em que estamos inseridos, percebidos na evolução de indicadores sociais, tecnológicos e econômicos.

Por estes motivos, o organizador e a Atena Editora registram aqui seu agradecimento aos autores dos capítulos, pela dedicação e empenho sem limites que tornaram realidade esta obra que retrata os recentes avanços inerentes ao tema.

Por fim, espero que esta obra venha a corroborar no desenvolvimento de conhecimentos e novos questionamentos a respeito do papel transformador da educação, e auxilie os estudantes e pesquisadores na imersão em novas reflexões acerca dos tópicos relevantes na área social.

Boa leitura!

Marcos William Kaspchak Machado

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
REFLEXÃO SOBRE A AVALIAÇÃO DO SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO	
Manoel de Jesus Bastos	
DOI 10.22533/at.ed.6331911031	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
O PROCESSO AVALIATIVO EM LÍNGUA PORTUGUESA: EFEITOS NA VIDA DE PROFESSORES E ALUNOS	
Alba Cristhiane Santana	
Vitória Palhares França	
DOI 10.22533/at.ed.6331911032	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
O LÚDICO COMO POSSIBILIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
Suélen Normando da Silva Vasconcelos	
Sangelita M. Franco Mariano	
DOI 10.22533/at.ed.6331911033	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>27</b>
APLICABILIDADE DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE PONTUAÇÃO (ANOS INICIAIS): DA TEORIA À PRÁTICA	
Raimunda Francisca de Sousa	
Anderson Cristiano da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6331911034	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>43</b>
REFORÇO ESCOLAR: UMA MANEIRA LÚDICA DE APRENDER	
Ivonilda Rosa Pereira Nascimento	
Marineusa Carvalho Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.6331911035	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>51</b>
A PRODUÇÃO DE JOGOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE BIOLOGIA: UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Natalia Carvalhaes de Oliveira	
Sandra Zago Falone	
Natalie Tolentino Serafim	
Matheus Ribeiro Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.6331911036	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>58</b>
JUVENTUDE E ESCOLA NO MUNICÍPIO DE CAMPO ALEGRE DE GOIÁS	
Divina Aparecida Correia da Silva Marcelino	
Maria Zenaide Alves	
DOI 10.22533/at.ed.6331911037	

**CAPÍTULO 8 ..... 65**

O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO PPGSS/UFPB NOS ANOS 2000:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DAS DISSERTAÇÕES DE MESTRADO VINCULADAS À ÁREA DE  
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-PRÁTICA DO SERVIÇO SOCIAL

Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida  
Lucicleide Cândido dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.6331911038**

**CAPÍTULO 9 ..... 80**

PROFESSOR MEDIADOR – UMA ANÁLISE LITERÁRIA DO DOCENTE E SEU PAPEL JUNTO AS  
NOVAS GERAÇÕES

Isaura Maria dos Santos  
Mario Augusto de Souza

**DOI 10.22533/at.ed.6331911039**

**CAPÍTULO 10 ..... 85**

PROGRAMA DE REFORÇO DE CONTEÚDOS DO ENSINO MÉDIO COMO ESTRATÉGIA PARA  
REDUZIR A REPROVAÇÃO DE CALOUROS E MELHORAR OS INDICADORES DE PERMANÊNCIA  
NO ENSINO SUPERIOR

Glaucia da Silva Brito  
Dione Maria Menz  
Eduarda de Sousa Lemos  
Karine Danielle Muzeka  
Paula Cristina Stopa

**DOI 10.22533/at.ed.63319110310**

**CAPÍTULO 11 ..... 93**

UTILIZAÇÃO DE MAPAS CONCEITUAIS COMO ESTRATÉGIA DE INOVAÇÃO METODOLÓGICA:  
RELATO DE EXPERIÊNCIA

Karla Rona da Silva  
Marina Dayrell de Oliveira Lima  
Leila de Fátima Santos

**DOI 10.22533/at.ed.63319110311**

**CAPÍTULO 12 ..... 104**

REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE SAÚDE E O USO DE METODOLOGIAS ATIVAS DE  
APRENDIZAGEM

Priscila Santos da Silva Navarenho  
Renato Campos Pierotti  
Maria Angela Boccara de Paula

**DOI 10.22533/at.ed.63319110312**

**CAPÍTULO 13 ..... 112**

METODOLOGIAS ATIVAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM  
SAÚDE: CONSTRUÇÃO DE LIVRO DIDÁTICO DIGITAL UTILIZANDO A SALA DE AULA INVERTIDA  
E A PROBLEMATIZAÇÃO

Rafaela Benatti de Oliveira  
Isabel Cristina Chagas Barbin  
Henrique Salustiano Silva  
Ana Carolina Castro Curado  
Marcia Cristina Aparecida Thomaz

**DOI 10.22533/at.ed.63319110313**

**CAPÍTULO 14 ..... 123**

O QUIZ DO BIS: USO DO KAHOOT COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM

Danilo Sande Santos  
Denise Sande  
Leandro Andrade Sande da Silva  
Larissa Sande de Oliveira  
Mirian Silva Adorno

**DOI 10.22533/at.ed.63319110314**

**CAPÍTULO 15 ..... 129**

O *LISTENING* NAS AULAS DE INGLÊS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: POSSIBILIDADES COM O USO DE VÍDEO DO *YOUTUBE*

Daniela Bandeira Navarro

**DOI 10.22533/at.ed.63319110315**

**CAPÍTULO 16 ..... 138**

USO DE MATERIAIS ALTERNATIVOS PARA DESENVOLVIMENTO DE AULAS EXPERIMENTAIS

Karla Soares Matias  
Karla Nara da Costa Abrantes  
Clemerson Fernandes da Silva  
Kesley dos Santos Ribeiro  
Nubia Abadia Silva  
Luciano Alves da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.63319110316**

**CAPÍTULO 17 ..... 145**

USO DA EXPERIMENTAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE MODELOS DIDÁTICOS NO ENSINO DE QUÍMICA

Paulo César dos Santos  
Adrielly Aparecida de Oliveira  
Luciana Maria Borges  
Tiago Clarimundo Ramos

**DOI 10.22533/at.ed.63319110317**

**CAPÍTULO 18 ..... 151**

BIOQUÍMICA NO ENSINO MÉDIO: CONTRIBUIÇÕES DE UM JOGO DIDÁTICO SOBRE CARBOIDRATOS E LIPÍDIOS

Adrielly Aparecida de Oliveira  
Paulo César dos Santos  
Tiago Clarimundo Ramos

**DOI 10.22533/at.ed.63319110318**

**CAPÍTULO 19 ..... 155**

JOGO DO MAPA METABÓLICO: NOVAS ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DE BIOQUÍMICA

Natália Tomich Paiva Miranda  
Andréia Almeida Mendes  
Roberta Mendes Von Randow

**DOI 10.22533/at.ed.63319110319**

<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>165</b>
COLETA, ISOLAMENTO E IDENTIFICAÇÃO DE COGUMELOS: Atividade Prática Supervisionada	
Alessandra Cristine Novak Sydney Eduardo Bittencourt Sydney Bárbara Ruivo Válio Barretti	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110320</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>177</b>
EXPLORANDO ORGANELAS: TECNOLOGIA E LUDICIDADE A FAVOR DA INCLUSÃO	
Daise Fernanda Santos Souza Maria Angélica Cezário Isabel Thayse Barbosa Regina Maria de Fátima Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110321</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>183</b>
BURRO D'ÁGUA DE LIGAÇÕES QUÍMICAS	
Karla Nara da Costa Abrantes Karla Soares Matias Kesley dos Santos Ribeiro Tatiana de Oliveira Zuppa Nubia Abadia Silva Luciano Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110322</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>189</b>
JOGO LÚDICO SOBRE ABELHAS NATIVAS COMO MEDIAÇÃO NO PROCESSO ENSINO- APRENDIZAGEM	
Thaís de Oliveira Saib Chequer Thaís de Moraes Ferreira Patrícia Batista de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110323</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>195</b>
CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE: UMA RELAÇÃO COM O ENSINO NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA CRÍTICA	
Regimar Alves Ferreira Luciene Lima de Assis Pires	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110324</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>204</b>
A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E A CIÊNCIA PÓS-MODERNA DE BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS	
Sandro Luiz Leseux Lucenildo Elias da Silva Marta Maria Pontin Darsie	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110325</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>217</b>
CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO INFANTIL (CREI): UM ESPAÇO PARA CRIANÇAS SURDAS NA CIDADE DE JOÃO PESSOA/PB	
Ana Dorziat Edleide Silva do Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110326</b>	



<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>234</b>
PERFIL DOS ALUNOS DE EJA EM ITAÚBA – MT	
Nilson Caires Ferreira	
Camila José Galindo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110327</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>245</b>
EQUOTERAPIA COMO AUXILIO A ANDRAGOGIA	
Alvaro Bubola Possato	
Priscila Santos da Silva Navarenho	
Josiane Guimarães	
Patrícia Ortiz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110328</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>253</b>
AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO	
Jaqueline Moraes Freitas	
Gabriela Ferreira Alves	
Fabio Pereira Santana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110329</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>265</b>
UMA REFLEXÃO SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA, A REALIDADE ESCOLAR E A FORMAÇÃO CONTINUADA.	
Silvania Leopoldina Dos Santos Martins	
Rudinelia Silva Freitas de Oliveira	
Jamille Almeida dos Santos	
Ivonilda Rosa Pereira Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110330</b>	
<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>271</b>
EDUCAÇÃO ESCOLAR EM UNIDADE DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA - A VISÃO DE PROFESSORES: UMA HIATO ENTRE O PROPOSTO E O VIVIDO.	
Daiane Trindade da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110331</b>	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>275</b>
A SUBVERSÃO DA EDUCAÇÃO: NARRATIVAS DO PROCESSO FORMATIVO DO DETENTO NO CONTEXTO PENITENCIÁRIO E SEU IMPACTO NA RESSOCIALIZAÇÃO	
Thayla F. Souza e Silva	
Filomena Maria de Arruda Monteiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110332</b>	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>288</b>
O PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO DOS INDICADORES DA QUALIDADE NOS CENTROS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE SALVADOR: UMA EXPERIÊNCIA DE GESTÃO DEMOCRÁTICA	
Roberta Pereira Souza do Carmo	
Antonio Amorim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110333</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>301</b>

## AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO

### **Jaqueline Moraes Freitas**

Instituto Superior de Educação Almeida Rodrigues  
– ISEAR/FAR  
Rio Verde – Goiás

### **Gabriela Ferreira Alves**

Instituto Superior de Educação Almeida Rodrigues  
– ISEAR/FAR  
Rio Verde – Goiás

### **Fabio Pereira Santana**

Instituto Superior de Educação Almeida Rodrigues  
– ISEAR/FAR  
Rio Verde – Goiás

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo analisar as práticas pedagógicas nas aulas de Educação Física escolar na perspectiva da inclusão. Sendo assim, visamos verificar as metodologias utilizadas nas aulas de Educação Física e investigar se os professores têm formação em Educação Física Adaptada para ministrar aulas para alunos com necessidades especiais. A aula dessa disciplina pode ser trabalhada a partir de várias abordagens pedagógicas, como: inclusão, solidariedade, ética e, também, a interação social como momento de aprendizado e respeito às diferenças e igualdade. Os principais autores utilizados foram: Cidade e Freitas (2009); Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (MEC/SEF, 1997); Soares (2012) e Soler (2009).

Esta investigação foi realizada por meio de uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa. Identificamos, na análise de dados, a falta de recurso e espaço físico que os professores têm para trabalhar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Física Adaptada. Inclusão. Escola.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the pedagogical practices of Physical Education classes with a view to inclusion. Therefore, we aim to verify the methodologies used in Physical Education classes and investigate whether the teachers have physical education training adapted to teach classes for students with special needs. The class of this discipline can be made by several approaches such as: inclusion, solidarity, ethics and also social interaction as a moment of learning and respect for differences and equality. The main authors used were: Cidade and Freitas (2009); National Curricular Parameters (PCNs) (MEC/SEF, 1997); Soares (2012); Soler (2009). This research was carried out through field research with a qualitative approach and, in data analysis, we identified the lack of resources and physical space that teachers have to work with.

**KEYWORDS:** Adapted Physical Education. Inclusion. School.

## 1 | INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo analisar as práticas pedagógicas nas aulas de Educação Física escolar na perspectiva da inclusão, ressaltando a importância da Educação Física Adaptada na vida do aluno que apresenta algum tipo de deficiência e/ou limitação. A partir dessa perspectiva, discutir o processo de aceitação da criança com deficiência no ambiente escolar, as metodologias utilizadas, as dificuldades encontradas no meio social e os benefícios que essa disciplina pode proporcionar para o desenvolvimento integral do sujeito.

O tema abordado é de extrema importância, pois há várias crianças com necessidades especiais inseridas em escolas de ensino regular. Portanto, é providencial que a Educação Física no meio escolar estimule um ambiente inclusivo para esses alunos, incentivando sempre a participação nas aulas.

A partir das aulas de Educação Física Conteúdo e Metodologia no curso de graduação em Pedagogia, pudemos vivenciar as possibilidades de se trabalhar com alunos com necessidades especiais. Essa aula teve como propósito apresentar uma atividade com uma cadeira de rodas, cujo objetivo era percorrer um caminho, estourar um balão e voltar sem ajuda do outro. Foi nesse momento que nos despertou a curiosidade e vontade de entender como os professores da área de Educação Física trabalhavam com crianças com necessidades especiais.

Esse tema se mostra relevante para a sociedade, pois a falta de materiais e espaço físicos adequados para os professores ministrarem a aula de Educação Física se torna um obstáculo para os educadores e, principalmente, para os alunos. Contribuirá, também, para o meio acadêmico que abrirá novas oportunidades para aprofundamento em novas pesquisas.

O problema de pesquisa ficou estabelecido a partir da seguinte questão: as metodologias adotadas pelos professores de Educação Física estariam adequadas para serem trabalhadas com alunos com deficiência?

O presente problema nos levou ao objetivo do trabalho que foi analisar as práticas pedagógicas das aulas de Educação Física na perspectiva da inclusão. Sendo assim, foram analisadas as metodologias utilizadas nas aulas e, também, foi investigada a formação em Educação Física Adaptada para ministrar aula para alunos com necessidades especiais.

Os principais referenciais teóricos utilizados no trabalho são: Cidade e Freitas (2009); Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (ME/SEF, 1997); Soares (2012); e Soler (2009). A pesquisa é de abordagem qualitativa, realizada por meio de uma pesquisa de campo. A coleta de dados foi feita a partir da aplicação de um questionário junto aos professores de Educação Física de escolas municipais do Ensino Fundamental de Rio Verde/GO.

Compreendemos que as aulas de Educação Física Adaptada são um instrumento eficaz no processo de ensino e aprendizagem do educando que apresenta alguma

limitação física e/ou intelectual. Seus benefícios perpassam o desenvolvimento físico, afetivo e cognitivo.

## 2 | A ORIGEM DA EDUCAÇÃO FÍSICA DESDE A EUROPA ATÉ O SÉCULO XIX

Abordaremos a seguir o surgimento da Educação Física a partir de suas manifestações na Europa, sua proliferação para outros continentes, assim como, sua evolução conceitual e conceptual e, ainda, sua chegada ao Brasil e seu contexto atual.

O ano de 1800 foi de alta relevância para a área, pois apresentou formas distintas de olhar para o exercício físico. Essas formas receberam o nome de métodos de ginástica, e tinham a preocupação de formar trabalhadores fortes, saudáveis e disciplinados. Para Soares (2012) havia grande número de mortos e doentes, e que com esse método de ginástica proporcionaria saúde sem precisar alterar a forma de viver.

Promover a saúde (sem alterar as condições de vida); desenvolver a vontade, a coragem, a força, a energia de viver (para servir à pátria nas guerras e na indústria) e, finalmente, desenvolver a moral (que nada mais é do que uma intervenção nas tradições e nos costumes dos povos) (SOARES, 2012, p. 43).

A Educação Física veio como forma de construir uma nova sociedade em toda Europa, esses países europeus abandonaram as suas relações feudais e começaram a seguir as leis da capital e eram guiados pela abordagem positivista da ciência.

Nesse processo de (re)construção da sociedade, o homem, um ser que se humaniza pelas relações sociais que estabelece, passa a ocupar o centro de criação desta nova sociedade. Porém passa ser explicado e definido nos limites biológicos. É um homem biológico e não o homem antropológico o centro da nova sociedade (SOARES, 2012, p. 04-05).

O método de ginástica trabalha com homem biológico que tem necessidades básicas, como: saúde, exercício físico e outros. A ginástica era usada como remédio para solucionar o problema, com isso tendo um bom rendimento no trabalho. Quatro países deram origem às primeiras organizações de ginástica. São eles: Alemanha, Suécia, França e Inglaterra (optou por métodos desportivos) (SOARES, 2012).

Dessa forma, cada país optou por um método para se trabalhar a ginástica, o qual seria mais adequado para atender suas concepções de formação de homem e sociedade. Sob forte influência do método ginástico francês, a ginástica chegou ao Brasil.

## 3 | A CHEGADA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL E SUA INSERÇÃO NA ESCOLA

Neste capítulo abordaremos o processo histórico da Educação Física no Brasil, que vem se modificando no decorrer dos anos. A Educação Física foi implantada no

Brasil sob influência médica, a qual buscava mudar os hábitos de higiene e saúde das pessoas. Acreditavam que através dessas mudanças de hábitos os indivíduos ficariam mais fortes e saudáveis.

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (MEC/SEF, 1997, p. 19),

Visando melhorar a condição de vida, muitos médicos assumiram uma função higienista e buscaram modificar os hábitos de saúde e higiene da população. A Educação Física, então, favorecia a educação do corpo, tendo como meta à constituição de um físico saudável e equilibrado organicamente, menos suscetível as doenças.

A implantação da Educação Física no Brasil durou um longo período de tempo, e foi baseado nos métodos europeus. Porém, com o decorrer dos anos esses métodos foram se modificando.

A partir de conhecimentos e de teorias gestadas no mundo europeu, os médicos desenharam outro modelo para a sociedade brasileira e contribuíram para a construção de uma nova ordem econômica, política e social. Nessa nova ordem, na qual os médicos higienistas irão ocupar lugar destacado, também coloca-se a necessidade de construir, para o Brasil, um novo homem, sem o qual a nova sociedade idealizada não se tornaria realidade (SOARES, 2012, p. 57-58).

A ginástica sueca foi defendida por Rui Barbosa por ser baseada na ciência. Logo, outro defensor junta-se a Rui Barbosa, Fernando Azevedo. Para Soares (2012, p. 49), “esses pensadores atribuem à Ginástica Sueca uma adequação maior aos estabelecimentos de ensino, dado o seu caráter essencialmente pedagógico”.

Os PCN (MEC/SEF, 1997, p. 20) esclarecem que:

Em 1882, Rui Barbosa deu seu parecer sobre o Projeto 224 – Reforma Leôncio de Carvalho, Decreto n. 7. 247, de 19 de abril de 1879, da Instrução Pública -, no qual defendeu a inclusão da ginástica na escola e a equiparação dos professores de ginástica aos das outras disciplinas.

Rui Barbosa achava que era importante possuir um corpo saudável para ter uma sustentação intelectual e com isso a importância de incluir a ginástica na escola, com a participação dos professores.

Soares (2012) destaca que a implantação dessa ginástica aconteceu na primeira metade do século XIX, devido ao grande número de imigrantes alemães que preferiam os hábitos brasileiros, abandonando o serviço militar e vindo para o Brasil.

Soares (2012, p. 46) lembra que:

Por volta de 1860, o método alemão é consagrado como o método oficial do exército brasileiro, e, em 1870, o ministro do Império determina a tradução e publicação do Novo Guia para o Ensino de Ginástica nas Escolas Públicas da Prússia.

Sendo assim, a ginástica alemã favoreceu o fortalecimento dos militares que defendiam o Brasil e, assim, conquistou espaço nas escolas. O método de ginástica alemã durou até o ano de 1912, oficialmente nas Escolas Militares. Com isso a ginástica alemã no Brasil foi se tornando mais estreita e o método sueco foi se tornando mais apropriado para a Educação Física de militares.

O método francês foi implantado no Brasil dia 12 de abril de 1921, por meio do

Decreto n. 14.784. Porém, sua chegada foi no ano de 1907, com a Missão Militar francesa que objetivava preparar os militares para a Força Pública do Estado de São Paulo (SOARES, 2012).

Anos depois, foi criada a Associação Brasileira de Educação (ABE), que tinha uma dedicação especial à Educação Física. A ABE foi criada no ano de 1924, reunindo várias pessoas que acreditavam na possibilidade de transformar o País. De acordo com os PCN (MEC/SEF, 1997, p. 21), “o discurso eugênico logo cedeu lugar aos objetivos higiênicos e de prevenção de doenças, estes sim, passíveis de serem trabalhados dentro de um contexto educacional”. Em 1937, a Educação Física é incluída no currículo escolar, tornando-se uma prática obrigatória em todas as escolas brasileiras e não uma disciplina curricular.

Portanto, vale ressaltar que todas as ginásticas implantadas no Brasil tinham os mesmos pilares: construir uma sociedade mais forte e higiênica, apta a trabalhar mais para o crescimento do país no setor econômico. Sendo assim, todas as ginásticas contribuíram para a evolução da Educação Física.

#### 4 | EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA

O presente tópico discutirá sobre a Educação Física Adaptada e o seu surgimento após a Segunda Guerra Mundial. O papel dessa atividade física foi auxiliar na recuperação de feridos na guerra, os quais tiveram algum membro de seu corpo mutilado e/ou amputado, e crianças que nasceram com algum tipo de deficiência devido às bombas e gases jogados sobre os países que estavam em guerra.

De acordo com Cidade e Freitas (2009, p. 86),

Ludwig Guttmann iniciou um trabalho com pacientes com lesão medular, no qual tinha pessoal interesse, visto que a maioria desses pacientes tinha uma expectativa de vida baixa. O centro foi aberto em fevereiro de 1944 e o Dr. Guttmann pôde introduzir particular aspecto de sua filosofia, que iria influenciar a vida de muitas pessoas com deficiência do mundo: o esporte no programa de tratamento e reabilitação de seus pacientes (CIDADE; FREITAS, 2009, p. 86).

Sendo assim, o governo o convidou para que pudesse ser responsável por um hospital, que tinha como objetivos pacientes com lesões sofridas durante a Segunda Guerra Mundial. Cidade e Freitas (2009) lembram que, no ano de 1949, foram realizados jogos paraolímpicos com pacientes e pessoas que tivessem qualquer tipo de deficiência e, ainda, citam que “a partir desse evento, mais e mais países foram representados por competidores vindos de hospitais ou centros de reabilitação nos quais o esporte se inclui entre as atividades” (CIDADE; FREITAS, 2009, p. 89).

Após a Educação Física Adaptada foi criado um programa que diversificava suas atividades para estudantes com algum tipo de deficiência, para que os envolvidos pudessem participar das aulas. Os jogos paraolímpicos foram instaurados no Brasil no final dos anos 1950 por dois homens que também eram deficientes físicos são: Robson Sampaio de Almeida e Sérgio Del Grande (CIDADE; FREITAS, 2009).

No que diz respeito à nomenclatura, Cidade e Freitas (2009, p. 10) afirmam que

[...] atualmente, no Brasil, os termos mais utilizados são Atividade Física Adaptada, Educação Física Adaptada e Atividade Motora Adaptada para designar a área de intervenção no universo das pessoas com necessidades especiais.

Educação Física Adaptada faz parte da disciplina de Educação Física, porém é trabalhada de maneira diversificada, proporcionando aos alunos momentos significativos e criativos para que todos possam participar. Essa disciplina tem como objetivo incluir os alunos com deficiência no conjunto de atividades que envolvem as práticas corporais humanas. Mas para que isso aconteça é preciso que o docente tenha uma formação continuada, sempre buscando atualizar-se, para que possa proporcionar momentos prazerosos aos alunos.

O objetivo da Educação Física Adaptada é oferecer atendimento adequado às pessoas com necessidades especiais, respeitando as diferenças individuais, visando proporcionar o desenvolvimento global observado suas dificuldades e potencialidade (CIDADE; FREITAS, 2009, p. 12).

Compreendemos que o docente precisa ajudar o aluno, mediar o processo para que possa se adaptar, fazendo parte da aula realizada naquele momento.

Propiciar desenvolvimento global envolve ajuda para que o indivíduo consiga atingir a adaptação e o equilíbrio que requer sua deficiência; identificar as necessidades e capacidades de cada pessoa quanto as suas possibilidades de ações e adaptações para o movimento; facilitar sua independência e autonomia, bem como facilitar o processo de inclusão e acolhimento social (CIDADE; FREITAS, 2009, p. 12).

Por meio da mediação do professor, o aluno possivelmente não terá tanta dificuldade para se adaptar ao que foi proposto, e o docente tem como função estimular suas habilidades por meio de jogos, atividades, brincadeira, que tenha como finalidade o desenvolvimento e a interação com toda a turma. “É fundamental que o professor atue como mediador entre o conhecimento e o educando sempre dando espaço para reflexão: fazer, e muito mais importante que isto, compreender o que fez” (SOLER, 2009, p. 07). Sendo assim, é importante que o professor faça com que seu aluno reflita o que foi proposto, criando um momento de reflexão.

É importante que o docente conheça seus alunos, buscando sempre conhecer qual o tipo de deficiência, seus limites e habilidades para que possam ser trabalhados corretamente. “Conhecimentos básicos relativos ao seu aluno como: tipo de deficiência, idade em que apareceu a deficiência, se foi repentina ou gradativa, se é transitória ou permanente, as funções e estrutura que estão prejudicadas” (CIDADE; FREITAS, 2009, p. 15).

Conhecendo bem o discente, o professor saberá como trabalhar com essa criança. A grande preocupação da disciplina de Educação Física, para os especiais, é a tentativa de não se adaptar demais às aulas, tornando-as exclusivas para esses alunos com deficiência, mas sim, fazendo que todos participem e que não haja constrangimento para nenhum dos envolvidos durante as aulas.

A partir disso, o docente precisa estar preparado para ministrar aula para

alunos com deficiência. Para que possa motivá-lo a participar da aula o professor deve “[...] começar sempre com uma atividade que a criança domina, e aos poucos ir incorporando novos elementos, fazendo com que ela tenha que se reestruturar internamente, gerando sempre novos conhecimentos” (SOLER, 2009, p. 107).

O artigo 58 da Lei de Diretrizes e Bases de Educação – Lei 9.394/96, cita que se for preciso o aluno com alguma deficiência tem o direito de ter um apoio especializado no momento da aula, a fim de facilitar seu desenvolvimento (BRASIL, 1996).

A formação continuada para professores de Educação Física é de suma importância, mas é preciso que toda equipe pedagógica e o ambiente esteja preparado para receber alunos sendo ou não deficiente. E por serem várias as deficiências é necessário mais conhecimento sobre essas deficiências.

Portanto, a Educação Física Adaptada é uma maneira de incluir os alunos nas aulas, para que interajam com outras pessoas e percebam que não importa suas necessidades, eles poderão participar. Porém, cabe ao docente fazer adaptações em sua aula para que ela se torne acessível para esses alunos com deficiência, ou seja, precisa ser flexível.

## 5 | A INCLUSÃO NA PERSPECTIVA ESCOLAR

Este tópico discutirá algumas questões da Inclusão Escolar no Brasil, que aos poucos foi sendo introduzida e aceita de forma geral. O termo inclusão é usado usualmente para definir a aceitação de pessoas ao espaço físico e social, porém antes de ser chamada de inclusão, foi nominada de integração. A integração foi uma forma de derrubar a exclusão social que acontecia com pessoas com deficiência.

Para Sasaki (1997, p. 30),

[...] as pessoas com deficiência eram excluídas da sociedade para qualquer atividade porque antigamente elas eram consideradas inválidas, sem utilidade para a sociedade e incapazes para trabalhar, características estas atribuídas indistintamente a todos que tivessem alguma deficiência.

Sendo assim, a integração foi uma forma para inserir as pessoas com deficiências no meio social como: educação e trabalho. A história da Inclusão Escolar de pessoas com deficiência teve quatro fases: exclusão, segregação, integração e inclusão.

De acordo com Sasaki (1997, p. 124),

Fase de exclusão: nesta fase, nenhuma atenção educacional foi provida às pessoas com deficiência, que também não recebiam outros serviços. A sociedade simplesmente ignorava, rejeitava perseguia e explorava estas pessoas [...]. Fase de segregação: excluídas da sociedade e da família, pessoas com deficiência eram geralmente atendidas em instituições por motivos religiosos ou filantrópicas e tinha pouco ou nenhum controle sobre a qualidade da atenção recebida [...] algumas dessas crianças passaram a vida inteira dentro das instituições.

Essas duas fases representaram um processo que excluía esses deficientes da sociedade e da família. A fase de segregação já de alguma forma aceitava esses alunos



em instituições voluntárias religiosas. A sociedade, após um tempo de reabilitação desses deficientes, começou então aceitá-los.

Para Cidade e Freitas (2009, p. 45), a fase de integração “no modelo integrativo, a sociedade aceitava receber pessoas com deficiência, desde que fossem capazes de adaptar-se e vencer os obstáculos físicos e atitudinais da mesma”. Na fase de integração os alunos já se encontravam em sala de aula e o sistema não era modificado, os alunos que se adaptavam ao sistema.

Nessas fases anteriores, o aluno não participava adequadamente das aulas, estava lá devido à Lei, e as instituições não tinham preocupação com o desenvolvimento dos alunos com deficiências. Os professores não tinham formação para trabalhar com eles, e nem sempre buscavam atualização.

Cidade e Freitas (2009), ainda citam que a inclusão é o processo que acolhe as diferenças, não apenas pessoas com deficiência. Na metade da década de 1980, a inclusão começou a fazer parte da escola, porém a escola que deveria se adaptar para receber esses alunos.

Segundo Soler (2009, p. 80), “fase de inclusão surgiu na metade da década de 1980, e desenvolveu-se durante os anos 1990. A grande evolução ocorrida nessa fase foi a de adaptar o sistema educacional às necessidades dos alunos”. Não adaptavam apenas à instituição, mas também as práticas pedagógicas, fazendo com que esses discentes fizessem parte da escola.

Nessas escolas as instalações eram adequadas para que pudessem facilitar a locomoção dos alunos especiais e, conseqüentemente, auxiliar na aprendizagem. “Já na inclusão quem muda é a escola, a fim de atender a todos de uma forma justa e sem exclusão” (SOLER, 2009, p. 20).

Segundo PCN (MEC/SEF, 1997, p. 41),

A aula de Educação Física pode favorecer a construção de uma atitude digna e de respeito próprio por parte do deficiente é a convivência com ele pode possibilitar a construção de atitudes de solidariedade, respeito, de aceitação, sem preconceitos.

Compreendemos que a escola deve ser pensada e reestruturada para haver a inclusão. Nesse sentido, “[...] em primeiro lugar, deve-se analisar o tipo de necessidade especial que esse aluno tem, pois existem diferentes tipos e grandes limitações que requerem procedimentos específicos” (MEC/SEF, 1997, p. 40).

Para Soler (2009, p. 79), “a Inclusão é a grande oportunidade para a escola se transformar e se modernizar e também uma chance de professores se aprimorarem investindo em formação [...]”. Sendo assim, a inclusão pode transformar a escola em um meio em que os alunos com deficiência possam se sentir acolhidos e respeitados.

Diante do exposto, podemos sinalizar que nos últimos anos a Inclusão Escolar teve grandes avanços, porém, que ainda há casos de segregação e/ou exclusão de estudantes com necessidades especiais.

## 6 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo se refere a uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, visando apresentar as práticas pedagógicas nas aulas de Educação Física na perspectiva da inclusão em escolas dos anos iniciais do ensino fundamental.

Conforme Chizzotti (2011, p. 26),

As pesquisas qualitativas, por outro lado, não têm um padrão único porque admitem que a realidade é fluente e contraditória e os processos de investigação dependem também do pesquisador – sua concepção, seus valores, seus objetivos. Para este, a epistemologia significa os fundamentos do conhecimento que dão sustentação à investigação de um problema.

Para coleta de dados foi feita análise com professores que ministram aulas de Educação Física em escolas do Município de Rio Verde/GO. Para cada professor foi entregue, com antecedência, um termo de consentimento esclarecendo sobre o objetivo da pesquisa, o qual os docentes assinaram concordando em participar.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário com 10 (dez) perguntas, sendo: 03 (três) perguntas relacionadas ao perfil profissional e 07 (sete) para o entrevistado expor seus conhecimentos sobre educação especial, emitindo seu parecer sobre o que é preciso para melhorar a condição de trabalho do professor de Educação Física.

Para Marconi e Lakatos (2003, p. 20), “o questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidos por escrito [...]”. O professor participante responderá as questões. Após todos os entrevistados responderem serão analisadas para conseguir obter o objetivo do presente estudo.

## 7 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico do trabalho discutiremos e analisaremos os dados coletados a partir dos questionários aplicados junto aos professores de Educação Física de 05 (cinco) instituições de ensino da cidade de Rio Verde/GO, sendo 03 (três) do Ensino Regular e 02 (dois) do Ensino Especial.

Os questionários foram entregues aos docentes e recolhidos no dia seguinte para que pudessem ter tempo hábil para responder às questões. A título de preservar a identidade dos sujeitos pesquisados, os professores foram identificados da seguinte forma: Professor 01 (P1); Professor 02 (P2); Professor 03 (P3); Professor 04 (P4); Professor 05 (P5).

No que diz respeito ao perfil dos sujeitos pesquisados, pudemos identificar que todos os professores possuem formação na área da Educação Física, sendo 02 (dois) deles pós-graduados. De acordo com Soler (2009, p. 132), “[...] o professor que deverá trabalhar na escola inclusiva deverá estar apto, e conhecer os vários tipos de necessidades especiais, pois assim poderá propor atividades integradoras”.

Sendo assim, é necessário que o professor tenha uma formação continuada, para que possa mais sobre o assunto. Nesse caso, somente os professores P3 e P4 possuem formação em educação especial.

Questionamos em uma pergunta, qual era a jornada de trabalho dos educadores. Nesse sentido quatro professores responderam que trabalham em dois períodos de trabalho, enquanto apenas deles trabalha um período.

Ao questionar os educadores sobre o que pensam da necessidade de o profissional da área de Educação Física possuir o perfil adequado, a resposta foi unânime que sim, que de fato é preciso ter o perfil adequado, pois o professor capacitado consegue demonstrar mais amor e carinho e, com isso, aluno sente-se acolhido e respeitado. Diante disso, percebemos o quão importante é o docente ter um perfil profissional, pois assim o seu aluno, sendo ou não um discente com necessidades especiais sentir-se-á acolhido, amado e respeitado por seu educador.

Analisando, as respostas em outra pergunta, percebemos que em geral todos apontam que a escola não está preparada para lidar com pessoas com necessidades especiais, por seja por falta de estrutura (acessibilidade) e/ou a falta de qualificação de seus profissionais. Todavia, o professor P4 disse que “sim, há profissionais qualificados e que buscam sempre melhorar”.

Soler (2009, p. 154) defende que “o espaço ideal é sempre aquele onde conseguimos realizar uma aula de qualidade. De nada adianta o material e o espaço de primeira se minha aula não ajuda, não tem gabarito”. Ou seja, se realmente o educador quer ministrar uma aula que o aluno participe independente do espaço ele sempre dará um jeito para que essa aula seja significativa.

Ao perguntar, para os professores quais os maiores desafios encontrados para trabalhar com alunos no ensino especial, verificando as respostas, percebemos que todos os docentes responderam que o maior desafio é falta de material físico para trabalhar com esses alunos. Contudo, para Soler (2009), o material pode ser construído com a ajuda do aluno, com isso fará que o material se torne mais significativo para a criança, podendo assim ele mesmo escolher as cores que mais lhe chamou atenção.

Segundo os PCN (MEC/SEF, 1997, p. 29),

A prática da Educação Física na escola poderá favorecer a autonomia dos alunos para monitorar as próprias atividades, regulando o esforço, traçando metas conhecendo as potencialidades e limitações e sabendo distinguir situações de trabalho corporal que podem ser prejudiciais.

Sendo assim, ao indagar os professores sobre alguns obstáculos que os alunos encontram para participar das aulas, os mesmos responderam que o maior obstáculo são as limitações, pois sempre há algum aluno com necessidades especiais diferentes, portanto é necessário ter cuidado.

Com base nisso, em uma pergunta que se refere à metodologia, quais as principais considerações sobre o planejamento das aulas, os educadores ressaltaram que o planejamento precisa ser flexível, a fim de facilitar a inclusão dos educandos

com necessidades especiais. Para Soler (2009), o professor a partir do momento que conhece o seu aluno ele precisa adequar sua metodologia de acordo com sua necessidade. Porém é importante estar sempre observando e fazendo novas adaptações, de modo que, atenda a todos.

Na última pergunta do questionário tratava-se de como deveria ser a escola ideal em relação ao ensino especial, ao passo que os professores atribuíram as seguintes características:

De acordo com o professor P1, a escola ideal é a que seja capaz de “oferecer suporte, verbal e instrucional. Facilitar a locomoção e o deslocamento do aluno. Ampliar o tempo disponível para a realização das atividades”. Corroborando este pensamento, o professor P2 atesta que é aquela que seja “desafiadora e proporcione acessibilidade para os educandos”. Assim, percebemos que uma parte dos professores vislumbram como escola ideal aquela que trabalhe o educando no sentido integral do seu desenvolvimento.

O professor P3 defende “uma escola, onde o professor pudesse modificar o ambiente como quadra, piscina e sala de jogos”. Nessa vertente, a estrutura física e predial contempla o modelo de escola ideal deste professor.

Por fim, o professor P4 assevera que a escola ideal deve “ter uma rotina no dia a dia, pois tem alunos que chegam nela ainda crianças e ali ficam até a velhice”, enquanto o professor P5 pontua haveria uma escola ideal se esta “[...] atendesse às especificidades dos alunos, pois hoje a inclusão é apenas para que os alunos tratados como normais conheçam e respeitem os alunos especiais”.

Portanto, ao analisarmos a última questão nota-se que todos educadores pensam em uma escola melhor para os alunos com necessidades especiais, escolas que ofereçam mais comodidade aos alunos, para que possam ter acesso em todo o ambiente escolar e não se sintam excluídos e, ainda, que os capacite para a vida.

## 8 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a finalização do presente artigo, podemos perceber que a Educação Física contribui para o desenvolvimento integral de crianças com necessidades especiais. Algumas décadas atrás pessoas com algum tipo de necessidades especiais não podiam frequentar escolas regulares, pois eram tachados de incapazes. Com a chegada da Educação Física isso foi se modificando, adaptando-se para que as pessoas com necessidades especiais fossem se tornando inclusas em escolas.

A inclusão exige muitos cuidados e respeito. As escolas ao receberem esses educandos precisam estar dispostas a modificar toda sua forma de trabalhar, tanto nas práticas pedagógicas dos professores quanto no espaço físico. Muitos professores veem essas modificações como um desafio, visto que muitos não estão qualificados profissionalmente para receber esses discentes, porque necessitarão fazer adaptações

em suas atividades, de acordo com a limitação e capacidade de cada um.

Ao analisarmos as entrevistas, nota-se que todos os educadores questionam da falta de material e espaço físico para poder ministrar uma aula adequada para os alunos. Percebe-se também, que o grande obstáculo são as limitações que alguns alunos com necessidades especiais têm.

Conclui-se que trabalhar a inclusão de aluno com necessidades especiais em aulas de Educação Física é um desafio constante. O educador dessa disciplina precisa ser flexível e saber trabalhar com amor e carinho, para que cada educando não se sinta excluído, mas sim, sinta-se importante e incluído em um ambiente acolhedor, não importando se é escola regular ou escola especial.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental.** Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. **Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional:** Lei 9.394/96. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CIDADE, Ruth Eugênia Amarante; FREITAS, Patrícia Silveira. **Introdução à Educação Adaptada para pessoas com deficiência.** Curitiba: UFPR, 2009.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física: raízes europeias e Brasil.** 5. ed. São Paulo, Campinas: Autores Associados, 2012.

SOLER, Reinaldo. **Educação Física Inclusiva na Escola: em busca de uma escola plural.** 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2009.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**MARCOS WILLIAM KASPCHAK MACHADO** Professor na Unopar de Ponta Grossa (Paraná). Graduado em Administração- Habilitação Comércio Exterior pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Especializado em Gestão industrial na linha de pesquisa em Produção e Manutenção. Doutorando e Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, com linha de pesquisa em Redes de Empresas e Engenharia Organizacional. Possui experiência na área de Administração de Projetos e análise de custos em empresas da região de Ponta Grossa (Paraná). Fundador e consultor da MWM Soluções 3D, especializado na elaboração de estudos de viabilidade de projetos e inovação.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-163-3

